

#14 O Caminho Budista e a Origem Dependente – RI 2020

Lama Padma Samten

Bacupari, 25/07 a 02/08

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #14

Revisão: Nea de Castro, outubro de 2022

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

O Caminho Budista e a Originação Dependente

Eu acho muito útil que, quando nós ouvimos os ensinamentos ou quando nós contemplamos os ensinamentos, nós possamos entender que não só os aspectos dos 12 elos, os aspectos condicionados, estão todos presentes mas o aspecto primordial, a liberação, está completamente presente, não só presente como atuando também. Não se trata de uma questão que seja regida pelo tempo convencional. Ou seja, não há um tempo onde a Natureza Primordial desaparece e surge o *Samsara*; depois de muito treinamento, o *Samsara* cede a contragosto, recua e ressurgem a Natureza Primordial. Não é assim.

O que acontece é que as mentes que vão surgindo a partir dos condicionamentos não vêem o aspecto não condicionado, porque elas estão operando através do condicionamento. Essas mentes que operam através dos condicionamentos surgem como nós, elas são “nós mesmos”, a nossa mente operando. Então, essa mente, em meio ao sofrimento ilusório – ilusório porque é o sofrimento que pertence aos mundos construídos – ela começa a aspirar a liberação disso.

Aí surgem os Budas dentro dos mundos que nós construímos, o mundo virtual que nós construímos, que podemos chamar de mundos *vajra*, os mundos luminosos que nós construímos. Surgem os Budas e explicam para as mentes que surgiram a partir de condicionamentos. Inicialmente essas mentes, operando do modo como surgiram, não vêem isso, mas posteriormente elas podem acessar. Quando elas acessam, não é porque nesse momento elas venceram o mal e encontraram o bem; não opera desse modo. Essa dimensão primordial está incessantemente presente, ela é a base a partir da qual o mundo virtual, o mundo *vajra*, o mundo luminoso de significados e referenciais construídos, ele se exerce.

Desse modo, nós podemos entender que não há nenhum momento em que a

Mente Primordial não esteja presente. Ela está obscura, [pois] há a mente que está operando com *Avidya*. *Avidya* gera um foco, um foco em aspectos construídos, e obstaculiza a visão, não porque de fato obstaculize, mas por ela produzir um foco a partir de um tipo de mundo que ela constrói. Então, dentro daquele mundo, não há outras coisas a não ser aquele conteúdo. Por exemplo, dentro do mundo do jogo de xadrez, não tem o casamento do rei com a rainha, o rei e a rainha não têm filhos, não tem dinheiro ali dentro. Só tem o que tem ali, não tem uma situação mais complexa. Então, dentro daqueles condicionamentos só tem aquilo. Assim, os nossos mundos construídos só têm o que têm dentro deles. É isso.

O próprio Wittgenstein estrutura isso. Ele diz: “Nós só vemos a partir das estruturas de possibilidades”. Ele vai chamar isso de espaços de possibilidades. Então, dentro da nossa mente, nós temos espaços de possibilidades. O que nós vemos e operamos só se dá a partir dos espaços de possibilidades. É óbvio. Ou seja, estou com o jogo estabelecido, tudo o que pode acontecer é só o que está dentro dos espaços de possibilidades daquele mundo, como ele é construído. É simples.

Só que aquele conjunto, aqueles espaços de possibilidades não limitam o que a mente possa operar de fato porque a mente é livre, ela está além daquilo, aliás ela é a construtora daqueles espaços de possibilidades. A mente, que está operando nos espaços de possibilidades, ela só vê aquilo que é, porque ela está com foco: dentro daquilo ela só vê aquilo. Toda a tragédia que surge, o surgimento da nossa vida, o surgimento do sofrimento inerente, etc, tudo isso pertence aos mundos construídos.

Quando nós trocamos as bases das construções de mundo, as coisas podem mudar totalmente e a liberação se torna possível porque, enfim, a dimensão que está livre do sofrimento, que está livre das construções – por exemplo a liberdade natural da mente além das construções – ela é inabalável. Na visão *Dzogchen*, isso corresponde a *Lhundrup*. A Natureza Primordial é auto surgida, ela opera além do tempo, ela não é alguma coisa que esteja em questão. Ela não está na dependência da conjuntura, das circunstâncias, sejam lá quais forem; não há circunstâncias, ela é espontaneamente surgida, não há causalidade dentro disso. Então essa é a nossa circunstância. Nós somos seres estranhos, nós somos seres que surgem dentro dos mundos das possibilidades, que surgem como uma decorrência do espaço de possibilidades, construídos, todos esses aspectos construídos.

A primeira descrição de mente dentro disso é *Vijnana*. É uma construção completamente justa. Por exemplo, na visão de Wittgenstein, eu tenho o espaço de possibilidades, *Avidya* é o foco que nós mantemos naquele espaço de possibilidade, e *Vijnana* é o percorrer da mente, o percorrer causal dentro do espaço de possibilidades. É isso. Isso é o que nós fazemos, isso é o que de modo geral nós reconhecemos como a nossa mente. Nós dizemos: “Eu estou pensando, estou imaginando, estou vendo...”, algo assim – nós estamos percorrendo os espaços de possibilidades. O próprio Einstein dizia que é muito raro a pessoa ter um pensamento novo durante uma vida inteira. É muito interessante isso. A pessoa sempre pensa alguma coisa que alguém já pensou, porque a pessoa está dentro de um espaço de possibilidades, ela não tem muito para pensar. É aquilo mesmo.

Como o próprio Wittgenstein diz, o interessante não é pensar dentro do espaço de possibilidades, é ir além dos espaços de possibilidades, é atravessar as fronteiras de *Avidya*. Essa é a aventura, esse é o processo. O que seria o espaço além do espaço de

possibilidades? O espaço ilimitado. Esse espaço ilimitado, além do espaço de possibilidades, é a própria Mandala do Buda Primordial, ou seja, não tem limite. Não é um espaço espacial euclidiano, não é algo que tem determinação, é uma liberdade natural. Isso de modo geral pode ser referido como vacuidade, como a grande vacuidade, *Kadag*.

Mas a vacuidade é o espaço das possibilidades. Espaço das possibilidades é o espaço do quê? Onde ele está? Ele não tem localização. É o espaço das possibilidades, ele está aberto, está totalmente aberto. Nós só vamos dizer que esse espaço de possibilidades está aberto porque existe luminosidade junto. A luminosidade é o que ocupa o espaço de possibilidades. Se não tiver luminosidade, o espaço de possibilidades não faz sentido. Então o espaço de possibilidades e a luminosidade da mente estão juntos, totalmente juntos. Assim a luminosidade, a Clara Luz mãe, é totalmente inseparável de *Kadag*. E aquilo não é algo que dependa de circunstâncias. Portanto *Lhündrup* é totalmente natural porque aquilo é auto surgido e não abalável, totalmente não abalável. Isso nós vamos chamar de realidade *vajra*. A realidade *vajra* é como um diamante. Ela é cortante, ela não é atacável. Não há circunstância que reunida seja capaz de derrubar *Kadag*, *Lhündrup*, *Tsal*. Não tem como. Aquilo não pertence ao mundo das condições. Aquilo é a base, está antes de *Avidya*. Então essa dimensão está totalmente preservada, calmamente preservada, sem nenhum tipo de abalo.

O caminho espiritual todo vai nessa direção. Vai na direção de nós tomarmos refúgio. Só que a tomada de refúgio é um nome bonito, eu acho justo também, mas a tomada de refúgio é a morte das identidades que operam dentro de jogos específicos. Imaginem que o rei do jogo de xadrez descobriu que ele não precisa ficar no tabuleiro e ele pula para fora e se vai, solto. Ele não precisa nem se denominar rei, não precisa nada daquilo. Aí ele descobre que tem uma liberdade, e a liberdade não é andar seguindo as pedras e se proteger dentro do roque, no cantinho, e colocar todo mundo para lhe proteger, não é isso. Ele está livre. *Kadag*. Ele está solto. Isso é a nossa mente fora do tabuleiro.

Seria um engano pensar que existe um outro tabuleiro, e que realmente a liberação seria se ajustar a esse outro tabuleiro. Isso seria materialismo espiritual. Eu procuro um outro tabuleiro, me ajusto ao outro tabuleiro, e eu tento derrubar todos os outros tabuleiros alternativos a esse meu. [Ele] enfim é o “mais elevado, o último”, é o tabuleiro no qual chegamos depois de vencer inúmeros dragões e monstros. E nós atingimos aquilo e nos agarramos naquilo porque um dia podemos perder. Não é isso! Isso é a leitura usual do mundo. Isso é o mundo. O caminho espiritual budista não é isso. Não é uma vitória dentro do mundo. É uma outra coisa.

Essa outra coisa é que as próprias identidades do mundo são ultrapassadas. A mente vai operar livre do processo de ter que obedecer sempre um conjunto de balizamentos, que é a Origem Dependente. Ela vai operar livre desse processo de Origem Dependente. Ela opera tão livre desse processo, que ela pode operar dentro do processo. Então, por exemplo, se nós dissermos que esse processo limita a Natureza Primordial, então existe uma região “do mal” onde a Natureza Primordial lúcida não pode entrar, o Buda não pode entrar porque ali tem problema. Aquilo é uma região da cidade em que não se entra. Mas os Budas entram em qualquer lugar, por isso é que vem essa expressão *Heruka*. *Heruka* penetra com lucidez em qualquer

lugar, porque não há nenhum lugar que não seja manifestação luminosa da Natureza Primordial, não há nenhum espaço dentro da construção dos doze elos que não seja justamente a manifestação última.

Esse é um ponto super interessante, ou seja, como é que Guru Rinpoche andava em meio ao mundo? Como que Vimalamitra segue com o corpo? Que sentido têm essas palavras? Então, Guru Rinpoche tem um corpo da grande transferência, ou seja, ele é um *Heruka* completo, até o final, não sobra nada, não falta nada. Ele se manifesta perfeitamente dentro do mundo condicionado, mundo das condições, reconhecendo cada aspecto do mundo das condições como manifestação da Natureza Última, Clara Luz, *Darmakaya*. Aquilo está totalmente claro, não há nenhum tipo de ilusão dentro disso. Se houvesse, se aquela mente muito ampla repentinamente se tornasse a mente de um jogo, que opera balizado por algum conjunto de construções, aí já não seria mais Guru Rinpoche. Mas se ele não puder operar dentro do jogo, como uma experiência de liberdade totalmente clara, também não é Guru Rinpoche. Ele tem a liberdade de andar como for. É muito interessante isso.

Então nós estamos nessa estética. Eu acho muito importante nós repetirmos isso muitas vezes, porque nós temos a tendência a reencetar o caminho na perspectiva, como se fosse um jogo dentro do *Samsara*. Mesmo que nós não digamos isso, nós associamos a uma história pessoal onde nós estamos indo para conquistar, e vamos obter algum resultado em algum lugar. Então nós, eventualmente, operamos desse modo. E isso é a base do materialismo espiritual, que é um problema. Porque aí o caminho espiritual se torna uma lógica dentro dos 12 elos da Originação Dependente. Os 12 elos engolem o caminho espiritual e aí nós ficamos balizados por um conjunto de referenciais, operando e sustentando identidades. A nossa meditação se torna a sustentação de aspectos particulares, transitórios de mente. Quando termina a meditação, aquilo termina. Aí eu preciso retornar à meditação, que é uma meditação fabricada.

O próprio Dudjom Rinpoche dizia: “Afaste-se da meditação fabricada como alguém se afasta de um louco.” Louco significa loucura, ou seja, a meditação fabricada é um estado construído. Então como é que um estado construído vai representar a liberação? Não representa. Quando nós estamos trabalhando com meditações construídas, nós temos que entender isso. Nós precisamos entender que aquilo é construído e depois nós temos que cessar. Então as práticas onde nós visualizamos [as] deidades todas têm a dissolução da deidade. Aquilo é uma mente particular e depois eu dissolvo a mente particular. Como quem toma remédio: toma remédio e depois devolve, a pessoa se dá conta e pára, interrompe. Então são estados particulares de mente.

Nós podemos olhar o caminho espiritual como quem progride dentro de uma profissão, fazendo formação. Agora tem uma etapa que eu vou aprender sânscrito, depois tem uma etapa em que eu vou aprender tibetano, vou aprender pali, vou aprender japonês, chinês, inglês naturalmente. Então nós vamos nos formando, quando completarmos essas línguas todas... Ho! É alguma coisa assim. Mas não é. O processo é essencialmente a contemplação, a clareza, contemplar a partir da Natureza Livre da Mente. Aí nós vamos transformando os mundos que surgem por balizamentos e por Originação Dependente. Portanto, eles vão avançando em direção à visão da luminosidade da mente, do processo que constrói, e cada um desses

aspectos vai se revelando como uma expressão da própria Natureza Primordial e da Clara Luz.

Isso foi uma contextualização sobre o caminho e a Originação Dependente.